

VERBAL, VISUAL E ARTICULAÇÕES DE SENTIDO: A CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE TRABALHO POR JOVENS APRENDIZES

Márcia Garbini FRANCO
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
marcia.garbini@ig.com.br

RESUMO: Este artigo investiga como a noção de trabalho é construída verbo-visualmente num relatório de pesquisa confeccionado por aprendizes de uma escola técnico-profissionalizante. A análise partiu do conceito de enunciado concreto construído por Bakhtin e seu Círculo (1929/ 2004), que considera a enunciação uma resposta a um enunciado concreto, no processo de interação social entre os sujeitos que participam dessa relação. Os resultados indicaram que o visual tem caráter ilustrativo, mas significativo no sentido de que é um fragmento de um momento particular de uma "realidade" e que colabora para a compreensão da representação de trabalho que se constrói no texto.

PALAVRAS-CHAVE: enunciado concreto; dialogismo; escola técnico-profissionalizante.

ABSTRACT: This article to investigate as the work notion is constructed verb-visually in a report of research confectioned for apprentices of a technical-professionalizing school. The *corpus* is analyzed from the concept of enunciated concrete constructed for Bakhtin and its Circle (1929/2004) that it considers the enunciation a reply to an enunciated concrete, in the process of social interaction between the subjects that participate of this relation. The results had indicated that the images have illustrative character, but significant since that they represent a moment of a "reality" and that they collaborate for the understanding of the representation of work.

KEYWORDS: *enunciated concrete; dialogism; technical-professionalizing school.*

0. Introdução

Para o presente artigo analisei o relatório de pesquisa *Análise Ergonômica: Manutenção/ 2005* (relatório que compõe o *corpus* de

minha pesquisa de mestrado ESCOLA E FÁBRICA: DISCURSOS SOB TENSÃO), partindo da seguinte questão: quais elementos ou formas, verbais e visuais, que constituem a materialidade do texto, colaboram na construção da noção de trabalho no relatório de pesquisa *Análise Ergonômica: Manutenção/ 2005*, desenvolvido por aprendizes de uma escola técnico-profissionalizante?

Na análise procurei estabelecer relações entre as imagens selecionadas pelos aprendizes para compor o relatório e os enunciados que descrevem e discutem o discurso do real, operações realizadas em postos de trabalho, na esfera profissional, e o discurso do ideal, propostas de melhoria nos postos de trabalho discutidas pela esfera escolar. Essa relação pode colaborar para a compreensão de como se dá a construção da noção de trabalho.

Para responder à questão proposta, determinei três objetivos:

- 1º descrever e analisar alguns elementos ou formas, verbais e visuais, que compõem a materialidade do texto, bem como
- 2º alguns discursos, ou as vozes sociais, que constituem o texto e
- 3º identificar algumas implicações estabelecidas na relação entre verbal e visual na construção da noção de trabalho.

Para atingir os objetivos traçados, num primeiro momento, identifico o contexto social que envolve a produção do *corpus*. Em seguida, trato do conceito de enunciado concreto em Bakhtin e seu Círculo, buscando justificar sua escolha para esta análise. No tópico adiante, apresento uma breve discussão sobre fotografia, de modo a propor uma possível leitura das imagens que constituem o *corpus*. Após, descrevo o *corpus* e, por fim, no tópico "Análise dos dados" identifico e analiso algumas formas ou elementos verbais e visuais, de maneira a indicar possíveis relações de efeitos de sentido.

1. Contextualização

A escola técnico-profissionalizante localiza-se em São Bernardo do Campo e fica dentro da própria empresa que a mantém. Os alunos são contratados como aprendizes, têm entre 16 e 18 anos e são necessariamente filhos ou irmãos de funcionários.

O relatório de pesquisa *Análise Ergonômica: Manutenção/ 2005*, produzido pelos aprendizes no 2º semestre de 2005, é resultado do projeto *Ergonomia¹ nos postos de trabalho*, proposto e desenvolvido

¹ De acordo com a Ergonomics Society (primeira Associação Científica de Ergonomia, criada na Inglaterra, no início da década de 1950), "Ergonomia é o estudo do relacionamento entre o homem e seu trabalho, equipamento, ambiente e

pela escola, que tem como foco o estudo de questões ergonômicas dos postos de trabalho da empresa. O objetivo é analisar e avaliar os postos de trabalho e o sujeito em situação de trabalho e oferecer propostas de compensação de posturas físicas adequadas às atividades laborais.

Para tanto, os aprendizes desenvolvem, sob a orientação do professor especialista em Ergonomia, pesquisa teórica, na escola, e pesquisa de campo, nos vários postos de trabalho da empresa, por meio da observação, entrevistas e registro em fotografias dos operadores em situação de trabalho, das ferramentas utilizadas na operação e do local de trabalho.

Na etapa da pesquisa de campo, os aprendizes devem observar os seguintes aspectos ergonômicos: posto de trabalho (máquinas, equipamentos e ferramentas), análise da tarefa que trata da biomecânica ocupacional, (metabolismo e movimento humano), ambiente de trabalho (riscos físicos, químicos, biológicos e mecânicos) e organização do trabalho (tempos e métodos).

Ao final das pesquisas, novamente na escola, os aprendizes produzem os relatórios de pesquisa que apresentam os resultados do trabalho sob a orientação dessa pesquisadora que exerce na escola a função de professora de Técnicas de Redação em Língua Portuguesa.

Os relatórios de pesquisa devem ter sua apresentação em formato de trabalhos acadêmicos (trabalhos de conclusão de curso, monografias etc), de acordo com normas e padrões ABNT para esse tipo de trabalho. Trata-se de uma determinação do projeto escolar, elaborado pela direção, coordenação e corpo docente da escola.

O *corpus* selecionado para esta apresentação, portanto, implica a interação de textos verbais e visuais – imagens de operadores manutencistas em situação de trabalho.

Como suporte para análise do *corpus*, mobilizei o conceito de enunciado concreto construído por Bakhtin e seu Círculo e que será discutido no próximo tópico, de modo a justificar sua escolha para essa análise.

2. O conceito de enunciado concreto em Bakhtin e seu Círculo

Mikhail Bakhtin e seu Círculo fundamentaram seus estudos teóricos a partir da concepção de linguagem como constitutivamente dialógica. O conceito de dialogismo implica “diálogo” entre diferentes discursos e sujeitos que instauram e são instaurados por esses mesmos

particularmente, a aplicação dos conhecimentos de anatomia, fisiologia e psicologia na solução de problemas que surgem desse relacionamento.” (Iida, 2005).

discursos, determinados sócio/histórico/culturalmente, "atravessados" por ideologias. Pode-se dizer que o fundamento da concepção dialógica da linguagem é: o discurso que traz em seu interior o "outro", as outras vozes.

Esse modo de conceber a linguagem implica analisá-la sob duas perspectivas: internamente, a materialidade lingüística; externamente, contextos mais amplos. De acordo com Beth Brait (2006) é justamente esse tratamento que permite construir um ponto de vista dialógico.

Nessa teoria, Bakhtin e seu Círculo identificaram categorias, noções e conceitos que são formulados a partir do *corpus* estudado. Isso quer dizer que os conceitos não estão prontos para serem aplicados, ao contrário: é o *corpus* que revela sua forma de produzir sentido.

Dentre os conceitos formulados por Bakhtin e seu Círculo, escolhi o de enunciado concreto. Esse conceito interessa para a compreensão e análise do *corpus* porque permite considerar toda uma situação extraverbal, ou seja, os elementos que o constitui e que fazem parte de um contexto maior e que, por isso, o torna um enunciado concreto.

Para Bakhtin (1929/ 2004) se considerarmos uma palavra em todas as suas categorias poderemos defini-la apenas em termos de um elemento possível da fala, mas não acessaremos o elemento que faz dessa palavra uma enunciação completa, real, concreta.

Um enunciado concreto prevê um outro enunciado que o antecedeu e um outro que virá adiante. Um sujeito que termina seu enunciado o faz para passar a palavra a outro, ou ao menos para "dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva" (Bakhtin, 1979/ 2003:275).

O *corpus* selecionado para esta apresentação não é um conjunto de enunciações de monólogos fechados, "mortos", no dizer de Bakhtin (1929/ 2004:98), e não poderá ser tratado como tal. Para compreendermos os enunciados será necessário levá-los ao contexto histórico real de sua realização.

Dessa forma é importante destacar que os aprendizes da escola são necessariamente filhos ou irmãos de funcionários e que, raras exceções, esses familiares projetam expectativas quanto ao futuro "profissional" dos aprendizes. Para muitos desses funcionários a empresa é, ainda, "uma mãe" e a única realidade para a salvação com relação ao desemprego e a garantias como um "bom salário" e um bom "convênio médico", por exemplo. Muitos alunos estão na escola em função do desejo dos familiares e não do próprio querer.

Outra importante consideração é o fato da escola ficar dentro da própria empresa. Isso significa que os aprendizes têm contato direto com funcionários de vários setores e não apenas da Linha de Produção,

inclusive da Comissão de fábrica que tem presença constante na escola e grande força dentro da empresa. A Comissão é considerada pelos funcionários um importante intervencionista na busca da manutenção de seus "direitos" trabalhistas ou na resolução de problemas entre funcionário e chefia, funcionário e empresa.

O *corpus* deste estudo, ou seja, os enunciados concretos, poderão ser analisados à luz dessa categoria justamente porque ela permite compreender, a partir das marcas enunciativas de uma enunciação, no nosso caso verbais e visuais, as marcas de enunciação de um sujeito que tem um lugar histórico e social determinado e os discursos que circulam socialmente nas esferas que se apresentam no contexto do *corpus* – a escola, a família, a empresa, a linha de produção, a comissão de fábrica.

Para trabalhar com as imagens que compõem o *corpus*, discutirei a seguir algumas concepções sobre fotografia e suas representações.

3. A leitura do visual: como "ler" uma fotografia

Para trabalhar com as imagens do *corpus*, as fotografias de operadores em situação de trabalho, faz-se necessário um levantamento de algumas concepções existentes sobre o que é fotografia, as formas e os significados implicados na sua leitura.

Para tanto, selecionei alguns aspectos que contribuíram com a análise dos dados: tratamento das cores preto-e-branco, relação de hierarquia (superioridade versus inferioridade), subjetividade e fragmentação da "realidade".

Ivan Lima² (1985) apresenta o significado do termo fotografia, referindo-se a duas origens: a primeira grega, usada nos países ocidentais, significa *foto* = luz, *grafia* = escrita; a segunda oriental, significa *reflexo da realidade* (particularmente o termo *sha-shin* é utilizado no Japão).

No livro *A fotografia é a sua linguagem* (1985), Lima apresenta um estudo da leitura de fotografias utilizadas na imprensa. No entanto, considerando as diferentes esferas de circulação, as fotografias na imprensa e as fotografias no relatório de pesquisa *Análise Ergonômica: Manutenção/ 2005*, é possível estabelecermos algumas relações para a leitura da fotografia em geral.

² Ivan Lima (1948-), formado em Arquitetura (1978), doutorado em História Contemporânea pela Ecole de Hautes Etudes em Sciences Sociales de Paris (1984-1986), estudou em Paris fotografia com Sebastião Salgado e pintura com o pintor expressionista suíço Rudolf Mumprecht (1978-1981).

De acordo com Lima (1985), a leitura de uma imagem é feita a partir da esquerda, considerada o início, para a direita, considerada a conclusão. Esse modo de leitura vale tanto para os ocidentais quanto para os orientais. O que nos diferencia no modo de olhar, de acordo com o autor, é que para os ocidentais o homem é a figura principal, para os orientais o espaço é a figura central.

A consideração em relação às cores em preto-e-branco interessa particularmente a esse estudo já que as fotografias do *corpus* apresentam-se todas em preto-e-branco.

Para Lima (1985) a proporção de uma imagem pode se dar, também, pelo contraste do claro e escuro: se for maior a quantidade de superfícies escuras em relação às superfícies claras acentua a dramaticidade da imagem.

Segundo o autor, a cor branca representa clareza e vida; é uma cor ativa e sua irradiação extrapola os seus limites, ampliando o espaço. O preto, considerado o inverso do branco, é uma cor passiva; se fecha em si mesma e representa o sombrio, o mistério e a morte.

Nesse aspecto, Michael Langford³ refere-se à fotografia em preto-e-branco como sendo considerada "mais expressiva e sutil, menos cruelmente realista do que a fotografia em cores" (1996:13). Sobre cor e tonalidade, o autor também se refere às grandes zonas escuras associadas à força, drama, mistério e ameaça; as zonas mais iluminadas podem sugerir delicadeza, espaço e suavidade.

Outra questão importante é com referência a distinção que Lima (1985) faz em relação à fotografia considerada retrato, ou representação, e à fotografia espontânea. De acordo com o autor, o acaso na fotografia pode ser eliminado de duas maneiras: várias fotos da mesma cena são executadas para posterior seleção da imagem, considerada pelo fotógrafo, "ideal"; e no reenquadramento de laboratório, pois o fotógrafo pode "eliminar" os elementos, considerados por ele, "supérfluos" da imagem.

Para Lima o retrato em fotografia é "a imagem de um sujeito que sabe que vai ser fotografado" (1985:93). Desse modo, essa definição exclui a pessoa "pega de surpresa".

No caso das fotografias que compõem o *corpus* é importante apontar que os aprendizes vão para a área de trabalho dos manutencistas durante alguns dias, observam a realização do trabalho e, posteriormente, realizam as fotografias, inclusive com a ciência e

³ Michael Langford, fotógrafo, foi professor no "London College of Printing", nomeado para o "Royal College". É autor de diversos livros e artigos para revistas especializadas.

autorização dos operadores e da chefia da área, o que, a princípio, eliminaria a "intenção do acaso".

A questão do "acaso" na fotografia remete a uma outra: a discussão da subjetividade na fotografia versus a fotografia como registro "fiel da realidade".

Para Susan Sontag⁴, a visão fotográfica, ao examinar-se as suas pretensões, consiste justamente na prática de uma espécie de "visão dissociativa" (1986:92). Trata-se de um hábito subjetivo reforçado pelas diferenças objetivas entre "o modo como a câmara e o olho humano focam e avaliam a perspectiva" (1986:92). Em *Ensaio sobre fotografia* (1986), Sontag considera que quando o fotógrafo decide como será uma imagem, "*impõem sempre normas aos temas*" que fotografa (1986:16, grifos meus).

Há uma outra questão que interessa, particularmente. Na fotografia, de acordo com Lima (1985), são utilizados dois tipos de movimentos: os de ação, processos de ação física das pessoas, e os de comunicação, meios de comunicação entre duas ou mais pessoas.

O autor observa que as comunicações não-verbais utilizam três espécies de suporte: o corpo, estudado na expressão (o rosto, tendo como elemento principal os olhos); os artefatos, associados ao corpo como roupas e objetos próximos identificadores; o espaço e a disposição do indivíduo no espaço que o cerca ou que está ligado a ele.

Com relação à "transmissão das emoções", Lima considera ser fundamental a visualização do rosto e dos olhos do fotografado. O *olhar*, especialmente, pode estabelecer algumas relações de sentido como, por exemplo, a hierarquia entre os homens:

Enquanto fala, um indivíduo olha menos o seu interlocutor do que quando escuta. Quando se confrontam indivíduos de estatutos diferentes, os resultados são outros. É o sujeito de categoria inferior que olha com mais frequência o seu interlocutor. A percentagem aumenta com a diferença hierárquica. O indivíduo de categoria inferior olha mais quando escuta do que quando fala – o que está de acordo com a regra geral (...). O indivíduo de categoria superior não fixa mais o olhar enquanto escuta do que fala, tendendo até a fixá-lo mais quando fala do que quando escuta. Existe nesses casos o comportamento de *dominância visual* (Lima, 1985:108, grifo meu).

⁴ Susan Sontag (1933-2004), escritora, ensaísta, recebeu o prêmio norte-americano Nacional Book Critics Circle por *Ensaio sobre fotografia*. Escreveu obras influentes como *On Photography*, na qual argumentava que as imagens muitas vezes distanciam o observador do tema que retratam.

Segundo Lima, há por parte do fotógrafo uma “relação de superioridade” ao fotografado. O fotógrafo é quem vai mostrar a imagem fotografada. Essa relação de superioridade exige maior atenção do fotografado para o “‘possuidor’ da sua imagem” (1985:109). O fotógrafo é considerado, portanto, “superior” aos seus assuntos, pois dá aos fotografados imagens que lhes são despercebidas, indesejáveis ou mesmo desejáveis.

Por fim, cabe considerarmos também uma outra questão: a fotografia é um fragmento de uma “realidade”, ou melhor, um modo particular de olhar a realidade, e que só pelo fato do enquadramento, num papel, já tira a imagem de seu contexto original e, dependendo do lugar onde possa circular, neste caso num relatório de pesquisa, deve ser considerada num outro contexto que não o original.

Sontag (1986) observa que a fotografia possibilita que nos detenhamos num único momento o tempo que desejarmos. Para a autora, “a vida não é feita de detalhes significativos subitamente iluminados e fixados para sempre. A fotografia sim” (1986:79).

As questões discutidas acima serão retomadas na análise dos dados. Mas, antes de passar para a análise, apresentarei, a seguir, o *corpus*, descrevendo as partes que o compõe.

4. Descrição do *corpus*: *Análise Ergonômica: Manutenção*

O relatório de pesquisa selecionado para este trabalho é composto das seguintes partes: capa, folha de rosto, epígrafe, agradecimentos, resumo, sumário, lista de figuras, introdução (cap. 1), seis capítulos que discutem aspectos ergonômicos de cada posto de trabalho analisado (cap. 2 ao 7), um capítulo que apresenta estudo da biomecânica (cap. 8), um capítulo das propostas de melhoria nos postos de trabalho (cap. 9), conclusão e referências bibliográficas.

5. Análise dos dados

O relatório apresenta, entre os capítulos 2 e 7, um total de 20 fotografias, sendo que 18 delas são de operadores manutencistas em situação de trabalho e duas são imagens de ferramental de trabalho. Das 18 fotografias, apenas quatro delas apresentam os operadores em pé. As demais fotografias retratam os operadores curvados, sentados ou agachados para a realização das operações.

Para este artigo selecionei sete fotografias para o trabalho de análise, procurando identificar alguns elementos e suas implicações na

construção da noção de trabalho (todas as fotografias foram desfocadas de modo a preservar a imagem dos operadores).

A fotografia nº1, "Manutenção do motor" (anexo 1), evidencia o operador com a cabeça baixa, praticamente dentro da empilhadeira para acessar o motor. O(s) aprendiz(es)/ fotógrafo(s) fez o registro do plano superior para o inferior. Não é possível identificar o rosto e olhos do operador. Há uma predominância da cor preta, principalmente nas partes da empilhadeira e cabeça do operador. O enunciado que antecede observa que "o operador (...) *fica sujeito* a ruídos, fumaça e *trabalha com pouca iluminação*. É nesse local onde se encontram 90% das *posturas não-ergonômicas*" (grifos meus).

A fotografia nº2, "Operador centralizando" o pneu (anexo 1), mostra o operador curvado, praticamente numa posição "de quatro", com a cabeça baixa. Novamente não há identificação do rosto. Nesta imagem há uma predominância da cor preta, mas com destaque para iluminação na roupa do operador. O enunciado que antecede à fotografia também evidencia que "o operador (...) *fica sujeito* a ruídos. É nesse local onde se encontram 90% das *posturas não-ergonômicas*" (grifos meus).

A fotografia nº3, "Operador analisando" o motor (anexo 1), mostra o operador curvado, com a cabeça baixa e "escondida" atrás da tampa do motor. Aqui também não se identifica o rosto do operador e há uma predominância da cor preta, com tonalidades cinzas na roupa do operador e partes da empilhadeira.

A fotografia nº4, "Operador subindo no guindaste" (anexo 1), retrata o operador numa situação diferenciada: ao levantar a perna e apoiar o pé direito no "degrau" do guindaste, a blusa do operador sobe e a calça abaixa, revelando as nádegas do operador.

O operador está de costas para o(s) aprendiz(es)/ fotógrafo(s), portanto sem identificação de seu rosto. Nessa imagem há uma tendência para a predominância da cor preta. O enunciado que antecede observa que "[o operador] *fica sujeito* a ruídos, fumaça e *ausência de posturas ergonômicas*. É nesse local onde se encontram 90% das *posturas não-ergonômicas*" (grifos meus).

A fotografia nº5, "Operador lavando por baixo" (anexo nº1), apresenta o operador agachado, realizando a lavagem da parte inferior da empilhadeira. O(s) aprendiz(es)/ fotógrafo(s) realizou a fotografia do plano superior para o inferior. Há uma predominância da cor preta em ambas as imagens. O corpo do operador está registrado de lado, sendo possível identificar o perfil do rosto, mas não é possível identificar traços ou mesmo a expressividade do rosto e olhos.

A última fotografia, nº6, selecionada para este artigo, “Carrinho de ferramentas” (anexo 1), retrata o operador em pé, ao lado do carrinho, com o braço apoiado nele. Nessa imagem há uma tendência para a predominância da cor preta, com variações de tonalidade do cinza ao branco. Há pontos de iluminação incididos, principalmente, no carrinho de ferramentas.

Essa é a única fotografia em que o operador está de frente para o(s) aprendiz(es)/ fotógrafo(s), o que torna possível visualizar seu rosto, inclusive os olhos. O olhar, no entanto, não está direcionado para a câmera, ou o fotógrafo, mas sim para a esquerda do operador, na direção do plano inferior.

Ao identificar e descrever alguns dos elementos que compõem as fotografias, evidencia-se as seguintes constantes: predominância da cor preta em relação à branca, não identificação dos rostos, e conseqüentemente dos olhos dos operadores, excetuando a última fotografia (anexo 1, nº 6), posturas dos operadores curvados ou agachados e cabeças, em relação ao corpo, abaixadas.

Em função disso, pode-se considerar que a predominância das cores e tonalidades escuras das fotografias tende a associá-las à idéia de dramaticidade e à passividade; é um elemento que fecha, diminui o espaço, tornando-o sombrio.

A opção pelas imagens em preto-e-branco daria às fotografias, de acordo com Langford (1996) um tratamento “menos cruel da realidade”. Essa consideração parece apontar para uma situação de tensão: embora o preto-e-branco, em relação às fotografias coloridas, tende a “suavizar uma realidade”, dando a ela um tratamento “menos cruel”, a predominância da cor preta e tonalidades escuras, ao contrário, acentuam o tom dramático das imagens. Essa “tensão” cria uma aparente situação de contradição na própria imagem.

Importante considerar também a questão da *dominância visual*, pois esse tratamento dado à fotografia pode apontar para relações de hierarquia.

Não é possível a identificação dos rostos e dos olhos dos operadores na maioria das situações. No único momento em que se visualiza o rosto e os olhos do operador ele não direciona o olhar para a câmera, o que remete para uma suposta “relação de superioridade versus inferioridade” do fotógrafo para o fotografado. Mais que isso: esse tratamento pode apontar, como se verá adiante, para implicações de sentido.

Tratemos agora de descrever alguns dos elementos dos enunciados verbais.

As primeiras leituras do *corpus* indicaram a constante repetição de alguns termos e expressões. Assim, num primeiro momento, escolhi, como forma de "entrada" no *corpus*, levantar os termos ou as expressões que se repetem no texto, especialmente nos capítulos que tratam dos postos de trabalho dos manutencistas (cap. 2 ao cap.7), na Introdução e na Conclusão, e que podem contribuir para a identificação e compreensão das significações implicadas e suas relações entre os enunciados verbais e visuais na construção de sentidos.

Há no *corpus* duas expressões que, além de se repetirem, criam na estrutura do texto uma relação semântica singular - relação de oposição: "*trabalhos em locais de **difícil** acesso*" versus "*ferramentas em locais de **fácil** acesso*" ou "*caixa [de ferramentas] se localiza no carrinho do operador para **fácil** locomoção e acesso das mesmas*" (cap. 2 ao cap.7) (todos grifos meus).

A expressão "fácil locomoção e acesso" está, por vezes, associada às imagens dos operadores quando estão em pé, em frente à bancada ou ao lado do carrinho de ferramentas. A expressão "trabalhos em locais de difícil acesso" está associada às imagens nos momentos em que os operadores estão realizando seu trabalho.

Portanto, o adjetivo "fácil" remete-se às fotografias em que os operadores estão em pé; o adjetivo "difícil" remete-se às fotografias em que os operadores estão curvados, sentados ou agachados. Observa-se aqui, assim como nas imagens, uma "tensão" criada pelo uso dos termos *fácil* e *difícil*.

Segundo Fiorin (2005), uma categoria semântica é fundamentada numa diferença, numa oposição. Os adjetivos opostos **fácil** e **difícil** mantêm entre si uma relação de pressuposição recíproca que cria no texto valores positivos e negativos.

A expressão "fácil acesso" ou "fácil locomoção e acesso" é utilizada nos tópicos que tratam da "Análise dos fatores do ambiente externo" e do "Ferramental" e tem, ao total, seis ocorrências no texto.

Os aprendizes consideram o piso, em geral "áspero" para evitar escorregões, a iluminação, em geral "satisfatória", o ruído do ambiente é "constante" e por isso os operadores devem fazer uso do EPI⁵ protetor auricular, e as ferramentas de "fácil" acesso aos operadores ou de "fácil" locomoção das mesmas.

A caixa de ferramentas é ainda considerada "com tamanho e texturas adequados para o manuseio". Essas expressões no texto podem ser, semanticamente, consideradas de valor positivo.

⁵ Equipamento de proteção individual

A expressão “trabalhos em locais de difícil acesso” em geral aparece no tópico “Problema”, tem quatro ocorrências no texto e vem acompanhada de outras expressões como “[o operador] fica por várias horas com sua coluna totalmente curvada”, “é exigido muito de suas pernas e coluna”.

Essas expressões no texto podem ser consideradas, semanticamente, de valor negativo. O próprio subtítulo -“Problema” - traz em si, considerando o contexto que o envolve, uma carga semântica negativa.

De acordo com Fiorin (2005), cada elemento da categoria semântica de base de um texto recebe a qualificação semântica /euforia/ versus /disforia/.

Para o autor, os elementos semânticos devem ser analisados e considerados em relação ao próprio texto que determinará seus valores: “euforia e disforia não são valores determinados pelo sistema axiológico do leitor, mas estão inscritos no texto”. (Fiorin, 2005:23).

Assim, o elemento semântico “fácil”, no tópico que trata da “Análise dos fatores do ambiente externo” e no tópico que analisa o “Ferramental” é considerado eufórico, pois têm valor positivo no texto; o elemento semântico “difícil” no tópico “Problema” é considerado disfórico, pois têm valor negativo no texto.

Os termos “fácil” e “difícil” exercem no texto, portanto, uma relação de contrariedade. Mais ainda, essa relação remete a uma discordância enunciativa entre duas vozes.

Para identificar essa discordância, essa distinção de vozes, é preciso voltar à Introdução do relatório. Nela os aprendizes apresentam a compreensão que têm de Ergonomia como o “estudo dos aspectos do trabalho e sua relação com o conforto e bem-estar do trabalhador” e o objetivo da Ergonomia como o de “analisar um posto de trabalho e poder trazer o máximo de conforto para o operador”.

Na análise dos postos de trabalho realizada pelos aprendizes, o termo “fácil” está sempre relacionado a elementos que compõem a atividade laboral do operador e que são considerados, como já identificado, eufóricos, ou positivos. Piso adequado, iluminação satisfatória, ferramentas com tamanhos e texturas adequadas ao manuseio e de fácil acesso e locomoção. Essas características vão ao encontro da definição e objetivos de Ergonomia compreendidos pelos aprendizes.

O mesmo não acontece quando os aprendizes descrevem e analisam o operador em situação de trabalho. O termo “difícil” é sempre aplicado no tópico que tem título “Problema”, relaciona-se com outros termos que tem determinantes semânticos disfóricos, ou negativos,

como “na operação, ele [o operador] fica por várias horas com sua coluna totalmente curvada”; [os trabalhos são realizados em] “locais de difícil acesso”; [o trabalho] “exige muito de seu ombro e pernas para a sustentação do corpo”; “é exigido muito de seu pescoço e coluna”. Essas características, diferentemente da primeira situação, vão de encontro à definição de Ergonomia e de seus objetivos compreendidos pelos aprendizes.

O confronto entre o que se pode chamar de “ideal”, ou seja, a Ergonomia como algo que deve proporcionar “conforto e bem-estar ao operador”, e do “real”, a dificuldade em realizar a operação de trabalho e as conseqüências negativas em razão disso, não é declarado abertamente. Para chegar a essa idéia foi preciso analisar o *corpus* considerando-o como um enunciado concreto e não ficar apenas na questão semântica.

Segundo Bakhtin (1929/ 2005), não basta constatar, por exemplo, uma relação lógica entre dois termos. É preciso, no enunciado de um sujeito, que esses dois juízos, nesse caso “fácil” e “difícil”, materializem-se “para que possa surgir relação dialógica entre eles ou tratamento dialógico deles” (Bakhtin, 2005:183). Ao dividir esses “juízos” entre dois diferentes enunciados de dois sujeitos diferentes, surgirá entre eles relações dialógicas.

Assim, pode-se “ouvir” a contradição levantada pelos aprendizes em relação à Ergonomia: os aspectos que circundam o trabalho são adequados, trazem “conforto e bem-estar” ao operador de acordo com a compreensão de Ergonomia apresentada pelos aprendizes. Mas, em situação de trabalho, esses mesmos aspectos, contraditoriamente, perdem valor ou mesmo inexistem.

Para continuar a perseguir a identificação de elementos verbais na materialidade do texto que possam apontar para a construção da noção de trabalho e para uma possível articulação entre o verbal e visual, identifiquei outros termos que, ao agrupá-los, reforçam idéias, a princípio, similares: “*coluna curvada*”; “o operador que *precisa se curvar*”; “o operador que *se sujeita*”; “o *trabalho que exige* muito da coluna do operador”; “o *operador que é exigido* em posturas não ergonômicas”; “o operador que tem que *agachar-se*”; “o *operador se submete*”.

Analisemos, semanticamente, alguns desses termos.

O substantivo *coluna* tem, segundo o dicionário Houaiss (2001), mais de vinte denominações. Selecionei as seguintes: “1.ARQ. suporte vertical, cilíndrico ou quase cilíndrico; 4.*qualquer suporte vertical cilíndrico que trabalhe sob compressão*; 10.pessoa ou coisa muito forte; pilar; 27.c.espinhal ANAT m.q. coluna vertebral; c.vertebral ANAT

conjunto das vértebras que se sobrepõem umas às outras na parte dorsal do tronco, formando uma espécie de coluna que vai do crânio ao cóccix." (grifos meus).

O dicionário Houaiss (2001) registra o vocábulo *curvar* como: "1. Tornar(-se) curvo; envergar(-se) em arco ou em ângulo; arquear(-se); 2. *impor domínio sobre; submeter; subjugar; 3. sujeitar-se a; submeter-se*; ETIM lat *curvo, curvar, dobrar, apiedar, comover*". O vocábulo *curvado* é registrado como: "*subjugado, dominado, resignado, oprimido*" (grifos meus).

O vocábulo *agachar* é registrado pelo mesmo dicionário da seguinte maneira: "1. fazer ficar ou ficar de cócoras; abaixar(-se); 1.1fig. *submeter-se a situação humilhante; rebaixar-se* (costuma a ___ - se ao primeiro grito do chefe); 1.2. ceder diante de argumento, fato, uso de força etc; curvar-se (ante o testemunho indiscutível, os contestadores agacharam-se)." O vocábulo *agachado* é registrado como: "1. posto de cócoras, abaixado, *escondido*; 1.1. fig. que se encontra *abatido ou humilhado*; 1.2. que é *servil, subserviente*" (grifos meus).

O dicionário registra da seguinte maneira o vocábulo *submeter*: "1. *tirar a liberdade e a independência de; dominar, subjugar, sujeitar. 2. reduzir à obediência, à dependência, ou render-se, entregar-se, obedecer às ordens ou vontade de outrem; 3. fazer (alguém ou algo) de alvo de alguma ação; sujeitar(-se), entregar(-se), expor(-se)*; ETIM. lat. *submitto ou summitto* por debaixo, lançar (o macho à fêmea); subjugar, sujeitar" (grifos meus).

De acordo com Câmara Cascudo, em *História dos Nossos Gestos*, curvar a cabeça e dobrar o tórax indica um gesto instintivo, espontâneo e natural, num plano intencional de convivência: "*deveria constituir a primeira demonstração submissa pelo desnivelamento proposital, aparentando maior altura física ao homenageado*" (2003:225, grifos meus).

Os termos *coluna, curvar, agachar e submeter* e os gestos *baixar a cabeça e curvar a coluna*, remetem à idéia, no sentido figurado, de *rebaixamento, inferiorização, diminuição de valor e demonstração de submissão*.

Há, também, um outro termo que deve ser considerado: "não ergonômico/ não-ergonômico". Fiorin, em *Elementos da Análise do Discurso* (2005), observa, com relação à categoria semântica, a importância para o cuidado em considerarmos adequadamente os termos nas suas relações.

Não ergonômico/ não-ergonômico é um termo que mantém relação de contraditoriedade em relação ao termo "ergonômico". Os

termos, nessa relação, se definem pela *presença* e *ausência* de um traço. Nesse momento, é interessante apontar o modo como os aprendizes utilizam esse termo, pois parece revelar que “não ergonômico/ não-ergonômico” equivalerá à ausência de um determinado traço – o próprio trabalho.

O termo “não ergonômico/ não-ergonômico” remete-se às imagens em que o operador está curvado, agachado, em situação de trabalho. De acordo com o dicionário Houaiss (2001), *ergonômico* é um adjetivo que se refere à *ergonomia*. O termo *ergonomia* é registrado como: “1.estudo científico das relações entre homem e máquina, visando a uma *segurança e eficiência ideais* no modo como um e outra interagem; 1.1.otimização das *condições de trabalho humano*, por meio de métodos da tecnologia e do desenho industrial” (grifos meus).

Nesse sentido, pode-se dizer que “não ergonômico/ não-ergonômico” é a ausência de segurança e eficiência nas relações de trabalho entre homem e máquina, ou até mesmo ausência de condições de trabalho humano. Para confirmar essa idéia, novamente retomarei o *corpus* de modo a articular os enunciados.

O parágrafo final da Conclusão do relatório reforça a idéia de que a Ergonomia não oferece condições apropriadas ao trabalhador: “A resposta está na ginástica de compensação de posturas para que *pele menos* haja um tratamento melhor com seu corpo” (grifo meu).

Na Conclusão do relatório, os aprendizes iniciam o parágrafo na terceira pessoa do plural, “Concluimos”, afirmando que a palavra *ergonomia* é “totalmente desconhecida” em “muitos postos de trabalho”. No mesmo parágrafo, verifica-se a passagem da terceira pessoa do plural para a primeira pessoa do singular: “**percebi** o quanto existe *posições não ergonômicas* e o quanto muitas vezes *o operador se submete para receber um salário justo (...)*.” (grifos meus). Nesse momento o aprendiz assume a responsabilidade da enunciação.

A Conclusão do relatório, portanto, não reforça os problemas que eventualmente podem surgir em função de se trabalhar com a coluna curvada por longo período de tempo. Na verdade, a Conclusão parece reforçar a idéia de “curvar a coluna” associada à *submissão*, ao ter que *sujeitar-se* à algo: “(...) muitas vezes *o operador se submete* para receber um *salário justo, estragando seu corpo para isso*.” (grifos meus). O operador “estraga seu corpo” em função de receber um “salário justo” e não em função da coluna curvada, numa posição ergonomicamente inadequada.

A Ergonomia propõe exercícios de compensação postural de maneira a eliminar ou, ao menos, diminuir possíveis lesões, neste caso, da coluna especialmente. Na Introdução do relatório, os aprendizes

apresentam a compreensão do conceito e objetivos da Ergonomia, conceito trabalhado pela esfera escolar, reforçando a idéia de que se trata de uma ciência que deve proporcionar "conforto e bem-estar", que deve "poder trazer o máximo de conforto para o operador".

No entanto, *a Ergonomia não propõe exercícios de compensação à submissão, ao ter que sujeitar-se a uma determinada situação de modo a receber um, considerado pelos aprendizes, "salário justo"*.

A Epígrafe do relatório parece colaborar com a idéia de que a Ergonomia não resolverá o problema revelado pelos aprendizes - a submissão: "Sábio é aquele que conhece os limites da própria ignorância". Um operador que trabalha a maior parte do tempo com a coluna curvada, cabeça baixa, num plano inferior, não pode ver o que está à sua volta; não tem condições de enxergar "os limites da própria ignorância".

Assim, a partir de alguns elementos verbais identificados e analisados, pode-se considerar que a noção de trabalho é construída no *corpus* por meio da "tensão" estabelecida pelos termos *fácil e difícil, ergonômico e não ergonômico/ não-ergonômico*. Essa tensão aponta para contradições dos discursos do real, a empresa, e do ideal, a escola.

Alguns dos elementos visuais identificados também revelaram uma situação de tensão: a predominância dos tons escuros e da cor preta como elementos evidenciadores de dramaticidade das imagens em contraposição ao preto-e-branco como elemento suavizador da "realidade". A tensão aqui criada aponta para uma idéia de contradição existente na própria imagem.

Alguns dos discursos identificados como o da Ergonomia e do trabalho em situação real, observado e analisado na esfera profissional, criam também no texto uma situação de "tensão".

Por um lado, a "tensão" sinaliza para uma idéia de contradição a respeito do trabalho e da aplicação da Ergonomia, que busca adequar ferramentas e posto de trabalho de maneira a oferecer conforto ao trabalhador, *mas não oferece bem-estar ou conforto ao trabalhador enquanto em situação de trabalho*; por outro lado, aponta também para contradições que permeiam a própria educação para o trabalho.

Em razão desse confronto, pode-se evidenciar, também, uma outra "voz" - o discurso da sobrevivência: trabalhadores que se "sujeitam" a um determinado tipo de trabalho, com ferramental e local adequados, de "fácil acesso e locomoção", mas com lugares de "difícil" acesso, que exigem posturas "não ergonômicas", em troca de um, considerado pelos aprendizes, "salário justo".

A idéia de *inferiorização* e *submissão* percorre os enunciados verbais e visuais através de alguns termos como *coluna*, *curvar*, *agachar* e *submeter* e os gestos *baixar a cabeça* e *curvar a coluna*.

A dominância visual estabelecida entre o fotógrafo/ aprendiz(es) e o fotografado/ operador(es), a opção do fotógrafo pelas imagens que retratam o fotografado de costas, com o rosto encoberto ou sem a identificação visual dos traços do rosto e olhos, aponta para uma relação de *superioridade versus inferioridade*.

Diante das relações estabelecidas, pode-se considerar que a fotografia nº 4 (vide anexo 1) remete a um ditado popular sobre a questão da submissão: "Quem muito se abaixa, a bunda mostra" (Fontes Filho, 2006:266).

A relação entre verbal e visual, portanto, que se estabelece no *corpus*, num primeiro momento, parece ser ilustrativa, embora significativa: o verbal, muitas vezes, descreve as imagens e estas, por sua vez, ilustram, reforçam os enunciados verbais. Ambas, no entanto, colaboram para um modo de representação do trabalho que só é possível em função da compreensão de como alguns dos elementos verbais e visuais analisados se constituem e se organizam.

6. Considerações Finais

Foram identificadas no *corpus Análise Ergonômica: Manutenção/ 2005*, na materialidade do texto, algumas formas de como os elementos verbais e visuais relacionam-se, participando da construção de sentido.

Com relação aos significados implicados nas cores e tonalidades escuras das fotografias, verificou-se uma relação de "tensão" que aponta para contradição nas próprias imagens: as cores, que deveriam atenuar a idéia de dramaticidade das fotografias, ao contrário, as acentua. O trabalho, nesse sentido, está relacionado à idéia de dramaticidade.

Alguns termos como *fácil* e *difícil* criam, também, na construção do texto, uma relação de "tensão". Considerando o relatório como um enunciado concreto, esses termos apontam para o sentido de contradição em relação à compreensão da Ergonomia e de seus objetivos apresentados pelos aprendizes na Introdução e reiterados na Conclusão do relatório.

Um outro termo, *não ergonômico/ não-ergonômico*, aponta, novamente, para o sentido de contradição a respeito do trabalho e da aplicação da Ergonomia. O termo, nesse contexto, indica ausência das qualidades ou atributos da Ergonomia.

Os termos lexicais “coluna”, “curvar”, “agachar” e “submeter” e os gestos “baixar” a cabeça e “curvar” a coluna remetem à idéia, no sentido figurado, de rebaixamento, inferiorização, diminuição de valor e demonstração de submissão, reforçando a idéia de trabalho que se constrói no texto e das relações implicadas entre os sujeitos e o trabalho.

Ao levantar esses elementos, verificou-se no *corpus* algumas vozes sociais: da Ergonomia, discurso trabalhado pela escola, revela-se como o lugar do ideal; das práticas de trabalho no posto de trabalho “Manutenção” expõem-se como espaço do real. Esses discursos, colocados em situação de confronto, sinalizam para as contradições que permeiam a própria educação para o trabalho.

A Conclusão do relatório, considerando-o como um enunciado concreto, evidencia, também, em função do confronto estabelecido no texto, um outro discurso - o da sobrevivência: trabalhadores que se “sujeitam” a um tipo de trabalho em troca de um, considerado pelos aprendizes, “salário justo”.

Os resultados iniciais indicam que as imagens do *corpus* analisado cumprem um papel ilustrativo. No entanto, a relação que se estabelece entre visual e verbal é muito significativa no sentido que colabora para a compreensão de como alguns elementos verbais e visuais, identificados e analisados, são constituídos e organizados de modo a contribuir para a representação de trabalho que se constrói no texto. As fotografias, nesse contexto, são um recorte, um fragmento, de um modo particular de “olhar a realidade” e que revelam um sujeito por trás da câmera.

ANEXO 1



Fotografia 1 – “Manutenção do motor”



Fotografia 2 – “Operador centralizando o pneu”



Fotografia 3 – “Operador analisando o motor”



Fotografia 4 – ‘Operador subindo no guindaste’



Fotografia 5 – “Operador lavando por baixo”



Fotografia 6 – “Carrinho de ferramentas”



Fotografia 6 – Recorte da imagem com destaque para os olhos do operador

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 3^a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005 [1929].

BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11^a. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004 [1929].

BRAIT, B.; MELO, R. "Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação". In: Brait, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, pp.61-78.

BRAIT, B. "Análise de teoria do discurso". In: Brait, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006:9-31.

CASCUDO, L. C. *História dos nossos gestos: uma pesquisa na mímica do Brasil*. São Paulo: Global, 2003.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FONTES FILHO, A. *O dito pelo não dito: dicionário de expressões idiomáticas*. São Paulo: Libratrês, 2006.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LANGFORD, M. *Fotografia Básica*. Trad. Mário B. Nogueira. 4. ed. Lisboa: Dinalivro, 1996.

LIMA, I. *A fotografia é a sua linguagem*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1985.

SONTAG, S. *Ensaio sobre fotografia*. Trad. José Afonso Furtado. 5. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1986 (Coleção Arte e Sociedade, n.5).

Recebido em setembro de 2007
Aprovado em junho de 2008